

A VOZ de MELGAÇO

QUINZENÁRIO CATÓLICO E REGIONALISTA

Chefe da Redacção e Editor: CARLOS ANTÓNIO VAZ

Administração: Apartado, 23 — BRAGA

Director e Administrador: JÚLIO HILÁRIO VAZ

AVENÇA — Custo da Assinatura Anual: 40\$00 — Estrangeiro 80\$00 * ANO XXIV — N.º 470 — Melgaço, 1 de Abril de 1971

Tip. Augusto Costa & C.ª, Lda - Telex. 22455 - Braga

Quando se procede?

Confirma-se, infelizmente, que o Sr. Secretário da Câmara andou, por Castro Laboreiro, a preencher os impressos de recenseamento, a que já aludimos, mediante pagamento, que não foi o mesmo para todos!

O Sr. Presidente da Câmara ainda não deu uma informação ao concelho. Nem sabemos que medidas foram tomadas.

Trata-se dum dos mais próximos colaboradores de S. Ex.^a, que aliás seria remunerado oficialmente.

Como tão depressa recordamos essa bela figura de Presidente, o Sr. Prof. Rodrigues! Nunca tal se deu no seu tempo!

E, se estamos bem informados, o Sr. Hercúlo Arsénio Pinheiro, ex-Secretário, entregava esse trabalho a outros funcionários, trabalho esse que era oficial e devidamente remunerado.

Quando se procede?

NA ASSEMBLEIA NACIONAL

O Eng.º António Lacerda aborda os problemas económicos do Minho

(Continuação do jornal de 1 de Março)

No seu conjunto os valores líquidos da produção foram em 1957-59 e em 1964:

	1957/59	1964	Em relação à Região	Em relação ao Continente
Braga	777 568	1 467 160	26.1 26.2	7.5 7.2
Porto	2 099 330	3 963 677	70.5 70.7	20.4 19.6
Viana do Castelo	79 497	119 662	2.1 2.1	0.7 0.6
Totais	2 959 395	5 550 499	99.3 99.1	28.5 27.4

Em percentagem a situação do distrito é em relação à região e nos anos indicados, respectivamente 2,6 e 2,1% enquanto nas mesmas condições o distrito do Porto apresenta valores de 70,5 e 70,7% e o de Braga 26,1 e 26,2%. Isto é, além de em Viana ter decrescido o valor líquido da produção in-

dustrial, o que é muito triste e grave em todo o seu significado, ele é uma décima parte daquele que existe em Braga e mais do que trinta vezes inferior ao do Porto. Não vale a pena comentários que como lágrimas de crocodilo chorem esta terrível situação.

Mais ainda sou tentado a apresentar mais uns números que ligados à evolução que se verifica na agricultura ajudam a explicar a regressão demográfica real que no meu distrito se verifica e que se referem ao número de pessoas em serviço na indústria em 1957/59 e 1964.

Entre Douro e Minho, 137.965 e 171.005.

(Continua na 4.ª página)

"O CABIDO DE BRAGA,"

(1071 a 1971)

por A. LUÍS VAZ

O Cabido da Sé Catedral de Braga celebra este ano o seu milénário.

O nosso conterrâneo, Cónego António Luís Vaz, escreveu a história do Cabido para desta forma se celebrar, também, o grande acontecimento, que conta dez séculos.

«O Cabido de Braga», com 298 páginas é um estudo feito sobre documentos, e só, desde a origem até aos nossos dias. Desde a actividade religiosa e patriótica do Cabido até às crises internas e aos vultos insignes nas letras, no ensino, na diplomacia, tudo nos aparece num estilo claro e cronológico.

U Santo da Quinzena

S. Valérico, Abade I

Valérico, santo abade e célebre pelos numerosos milagres, que Deus fez por sua intercessão, nasceu em Auvergne, na França. Era filho de pais piedosos, mas paupérrimos. Antes de aprender a ler e escrever, trabalhava no campo. Para saciar o desejo imenso de estudar, pediu ao professor que lhe escrevesse, numa lousa, o alfabeto e lho explicasse. Por sua iniciativa, começou a ler e escrever e em poucas semanas, já lia regularmente.

Passou assim Valérico muitamente a mocidade, quando um dia resolveu procurar um sacerdote, seu parente, que morava num convento, distante poucas léguas. A vida regular tanto lhe agradou, que manifestou desejos de lá ficar. O sacerdote opôs-se a esta ideia. Valérico, porém, tanto insistiu, que afinal o abade aceitou-o e deu-lhe diversos empregos no Mosteiro, entre outros, o de ajudar à S. Missa.

O jovem satisfeíttimo com esta nova colaboração, cumpria as obrigações com a máxima pontualidade e perfeição, de modo que o abade, com muita alegria o recebeu na sua comunidade.

(Continua na 4.ª página)

Linda objectividade!

Sob o título de «Sempre os mesmos» alguém quis beliscar o Sr. P.º Carlos e o Sr. P.º Rodrigues no «Notícias de Melgaço» de 25-1-1971. O mais grave é que o jornal cita no cabeçalho as palavras de Paulo VI sobre a necessidade da objectividade da informação, pensando, como sempre, que basta dizer uma coisa para provar que ela existe em quem a diz. Ora, todo o número é o mais farto de objectividade que se possa ver. Concretizemos: na referida rubrica «Sempre os mesmos» citam como prova as palavras de anteriores arrazoados do mesmo jornal que «A Voz de Melgaço» já tinha contundentemente refutado. É isso objectividade e verdade? Basta dizer meia dúzia de asneiras e de mentiras num número do jornal para que passados uns tempos se citem essas mesmas palavras, já refutadas como prova?

Diz Paulo VI, que a «informação objectiva há-de saber respeitar o direito dos demais, a sua boa reputação, e não transgredir o direito da vida privada». O referido jornal contradiz-se logo no mesmo número. Em «Conversando com o senhor Presidente da Câmara» diz-se que se impunha «leal e inteira colaboração», se esperava fosse posto acima de qualquer má vontade o espírito nacionalista e a qualidade de Melgacense; se repudiava que alguém fosse capaz de orquestrar campanhas de descrédito, de perseguição vil... e há tantos que o têm acusado pèrdidamente de mil e um defeitos, erros e faltas. «A Voz de Melgaço» seguiu o itinerário da colaboração. A colaboração foi-lhe prestada porque a informação «objectiva respeita o direito dos demais». Atacou injustamente o seu antecessor e a resposta que lhe foi dada entra no âmbito de uma leal colaboração, colaboração que faz respeitar o direito dos demais. Além disso, os funcionários da Câmara poderão um dia dizer muito mais desse desrespeito pelos outros.

(Continua na 4.ª página)

IV comentário ao

Plano de Actividades da Câmara para 1971

ESCOLAS

Sobre o problema dos edifícios escolares, que se agravou com a criação da 5.ª e 6.ª classes, isto é, ciclo complementar — assim falou o sr. Presidente:

«Encontrámos uma situação deveras alarmante; núcleos compartilhados desde 1964, ano após ano, aguardando que em concurso fossem adjudicados.

Esta situação anormal chama-nos a atenção e não podíamos admitir que se continuasse.

«ÉPOCA»

Continua a publicar-se, em Lisboa, com oportuna informação e magnífico aspecto gráfico, o diário «ÉPOCA», agora enriquecido com um Suplemento Desportivo.

Deslocámo-nos à D. G. C.: E... «Foi facultado à Câmara resolver o problema directamente incluindo a possibilidade de ela empreitar as obras apresentando orçamentos para as executar. Representará mais trabalho, sem dúvida, mas vença-se o ponto morto em que o ensino primário — ensino primário ou construções escolares? — no concelho se encontrava. (Os sublinhados são nossos). O sr. Presidente, aqui, tem certo motivo de queixa. A situação não é alarmante, mas, de facto, existem problemas no Concelho que já se arrastam há anos.

Alguns edifícios foram postos a concurso várias vezes, mas, a Digna Direcção Geral das Construções Escolares, ainda não conseguiu adjudicá-los, pois que, por falta de concorrentes, os concursos ficaram desertos.

A quem querará, o sr. Presidente, assacar a culpa da «situação deveras alarmante» em que se encontra o problema

(Continua na 6.ª pág.)

De pé, em frente da vida

No artigo com este título, inserido neste jornal em 1-3-71, onde se lê «...se opera o fantasma» deve-se ler: «se opera o fantástico».

A. P. C.

Aniversário

Ocorreu no passado dia 15 o aniversário natalício de S. Ex.ª Rev.ª o Sr. Arcebispo Primaz, a quem, por tal motivo, saudamos respeitosamente.

Várias Notícias da Vila

Armando Alves de Melo — Depois de ter passado uma temporada nesta vila, partiu para França, o nosso conterrâneo e amigo, sr. Armando Alves de Melo, que na sua despedida teve a gentileza de oferecer um jantar a vários seus amigos e familiares, em que ofereceu também a todos os seus préstimos na cidade de TOURS (França).

Ao amigo desejamos que tivesse feito boa viagem e muitas felicidades.

José António Lourenço — Após ter passado cerca de três semanas a tratar dos seus negócios em Lisboa, regressou daquela cidade, o nosso conterrâneo e estimado assinante, sr. José António Lourenço, comerciante.

Os nossos cumprimentos.

Manuel Alves Sampayo — De visita aos seus familiares, esteve durante alguns dias na sua residência da freguesia de S. Paio, o nosso ilustre conterrâneo e estimado assinante, sr. Manuel Alves Sampayo, distinto fotógrafo e Pintor, em Lisboa.

Os nossos cumprimentos.

Dr. Alípio Gonçalves — Tivemos o prazer de ver nesta vila, de visita à sua família, o nosso conterrâneo e estimado assinante, sr. Dr. Alípio Gonçalves, Notário e Sub-Delegado do Procurador da República em Ponte da Barca, acompanhado de sua esposa, sr.^a Professora D. Maria da Paz Figueiredo Gonçalves e filhos.

Os nossos cumprimentos.

Manuel Augusto Lopes — Esteve entre nós, o nosso conterrâneo e estimado assinante, sr. Manuel Augusto Lopes, escriturário de 1.^a Classe do Tribunal da Comarca de Viana do Castelo. Os nossos cumprimentos.

Manuel Joaquim Domingues — Acompanhado de sua esposa e filhos, esteve entre nós, o nosso estimado assinante e conterrâneo, sr. Manuel Joaquim Domingues, natural de Portelinha, freguesia de Castro Laboreiro e residente em Esporões — Braga.

Os nossos cumprimentos.

Dr. Jesus Fernandez Pérez — Acompanhado de sua Ex.^{ma} esposa e filhos, esteve há dias em casa de seu tio, sr. Albano Fernandez, comerciante em Castro Laboreiro, o sr. Dr. Jesus Fernandez Pérez, distinto médico especialista em medicina interna, na cidade de Vigo (Espanha).

Ao ilustre visitante, que nos deu o prazer de assinar o nosso jornal e sua Ex.^{ma} esposa, apresentamos os nossos cumprimentos.

António Ribeiro — Tivemos o prazer de ver nesta vila, o nosso conterrâneo e colaborador, sr. António Ribeiro, Escriturário de 1.^a Classe do Tribunal do Trabalho em Vila Nova de Famalicão.

Os nossos cumprimentos.

António Manuel de Castro — Depois de ter passado uma temporada junto de sua família, partiu para a cidade de NEVERS

(França), o nosso amigo, sr. António Manuel de Castro, acompanhado de sua esposa, sr.^a D. Maria dos Anjos Sampayo Correia da Silva.

Desejamos, que tivessem feito boa viagem.

Falecimento — Na sua residência à Estrada do Cais em Valença, faleceu no passado dia 19, com a idade de 73 anos, o sr. Luís Augusto de Sousa, 1.^o Marinheiro da Marinha de Guerra Portuguesa e combatente da Guerra, 1914-1918.

O extinto, pessoa geralmente estimada, era pai da sr.^a D. Arlete Faro Creio de Sousa Fernandes e sogro do sr. Alfredo Gonçalves Fernandes, Dg.^{mo} Sargento Ajudante e comandante do Posto de Marinha desta vila.

O seu funeral, realizou-se no dia seguinte, para o cemitério daquela vila, onde assistiram muitas pessoas de todas as categorias sociais, sendo a urna coberta com a Bandeira Nacional.

Conduziu a chave da urna, seu genro, sr. Alfredo Gonçalves Fernandes.

A toda a família em luto, apresentamos o nosso cartão de sentidas condolências.

Posse — Tomou posse do cargo de Oficial de Deligências do Tribunal desta comarca, o sr. José Maria Simões Garrido, natural de Barcelos, e que até esta data exercia iguais funções na sua comarca.

Assistiram ao acto da posse muitos funcionários e outras pessoas.

Ao novo funcionário, apresentamos os nossos cumprimentos, desejando-lhe as maiores facilidades no desempenho das suas funções.



Conforme noticiamos no nosso número de 1 de Março, na correspondência de Rouças, realizou-se no passado dia 20 de Janeiro, o casamento de Maria Augusta Dias, de Cavaleiros, com José Pereira Rodrigues, de Paderne, conforme a foto documenta.

Casamento

Com jovem de boas qualidades. A. Varela E. P. 49. Henrique de Carvalho — Angola.

Aniversários — No dia 18 p. p., festejou o seu aniversário natalício, o nosso conterrâneo, sr. José Albano Domingues.

— No dia 23, também festejou o seu aniversário, a sr.^a D. Judite de Lurdes Melo Domingues, esposa do nosso estimado assinante, sr. Augusto Miguel Domingues, proprietário da «Casa Carlota», desta vila.

— Ainda no dia 18, também fez anos, o menino José Luís Alves da Rocha, filho do nosso conterrâneo, sr. António Baltazar da Rocha e da sr.^a Alice Alves da Rocha.

A todos os aniversariantes, desejamos que estas datas se repitam por muitos anos e os nossos parabéns.

Vindo do Ultramar — Após dois anos, no cumprimento da missão de soberania, na nossa província ultramarina de Angola, regressou há dias, o nosso amigo, sr. Alfredo Eduardo Alberto Novos, do lugar do Granjão, freguesia de Paderne.

Ao distinto oficial, os nossos cumprimentos e um abraço de boas vindas.

Foto CALDAS

TELEFONE, 42220
MELGAÇO

EXECUTA todo o trabalho em Fotografias e vende todos os materiais para as mesmas.

Reportagens para Casamentos, Baptizados, Comunhões, Aniversários, etc.

BANCO FERNANDES MAGALHÃES



PORTO

LISBOA

SÍMBOLO DE SEGURANÇA E DE BONS SERVIÇOS HÁ MAIS DE MEIO SÉCULO

CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E ESTRANGEIRO,

destacadamente:

Em MELGAÇO — Casa José Maria Pereira
Em FRANÇA — Banque Nationale de Paris
Na ALEMANHA — Deutsche Bank

A sua vasta rede de instalações próprias e Correspondentes no País e Estrangeiro, aliada a uma prudente e longa actividade bancária permite-lhe executar eficientemente qualquer transferência de dinheiro com um mínimo de encargos.

Sociedade

Aniversários

Fazem anos — Hoje: as sr.^{as} D. Isaura Gomes de Sousa e D. Maria Cândida Cunha Esteves e a menina Rosa Maria Gonçalves; Amanhã: Maria Augusta Lourenço e Paulo da Cruz Domingues; Dia 3: Manuel Bernardo de Araújo; Dia 4: a menina Maria Afra de Jesus Soares; Dia 5: Gaspar Magno Pereira de Castro e os jovens António da Ascensão Dantas da Costa Afonso e Manuel Augusto Gomes de Sousa; Dia 6: a sr.^a D. Maria Rosa Cortes Lopes; Dia 7: Armando Henrique Gomes de Sousa; Dia 8: a sr.^a D. Bonança Delfina Gomes Calheiros de Sousa; Dia 9: a sr.^a D. Ana Maria Lima Peres Dias e os srs. Abel Francisco Pereira, arquitecto Luís Manuel de Magalhães Fernandes Pinto e Manuel Lourenço da Rocha; Dia 10: a menina Maria Alice de Lima; Dia 11: os srs. Eduardo Henrique Pinto Ribeiro e Jaime Maker Gonçalves e a menina Maria de Nazaré Rodrigues de Araújo; Dia 14: a sr.^a D. Clea Domingues Cordoville e os srs. Gilberto António Cardoso, prof. Manuel Augusto Vaz e Manuel Inácio Durães.

Evasão do canil?!...

Num destes dias, a dava de boca em boca, a notícia que, os cães aprendidos pelos serviços da Câmara Municipal, se tinham evadido do canil.

Desconhecem-se os pormenores, mas julga-se que não humanitária, com pena, talvez, da morte certa, que pendia sobre as cabeças dos infelizes canídeos, que, diga-se de passagem, são os mais fiéis amigos dos homens, julgou assim fazer acção caridosa.

Caso não fossem os companheiros e irmãos dos detidos, que, revoltados, praticassem essa acção, a qual, sendo assim, a nosso ver, apesar de criminosa, só denota espírito de solidariedade e amor pelo semelhante, quem seria?

No entanto, as autoridades investigam.

Assine e Anuncie na
«A VOZ DE MELGAÇO»

Agência de Viagens 'RUMO,'

PASSAGENS AÉREAS E MARÍTIMAS

Bilhetes de Combóio, a preços reduzidos para trabalhadores e familiares

Posto de Câmbios do BANCO DE AGRICULTURA

TELEFONE, 42278 — MELGAÇO

Mariam Berwanger

ADVOGADA

DA ORDEM DOS ADVOGADOS DO BRASIL E
DA ORDEM DOS ADVOGADOS DE PORTUGAL

Escritórios:

PORTUGAL: Lisboa, Av. da República, n.º 27-1.º - Telef.: 5 86 42 e 5 48 26

BRASIL: Rio de Janeiro, Rua Paissandu, n.º 200, ap. 1005 - Telef. 245 10 49

TRATA EM PORTUGAL E BRASIL

Dr. Ismael da Trindade

ADVOGADO

Mudou o seu Escritório
para o Palácio da Justiça

(REGISTO PREDIAL)

TELEF. 52295

MONÇÃO

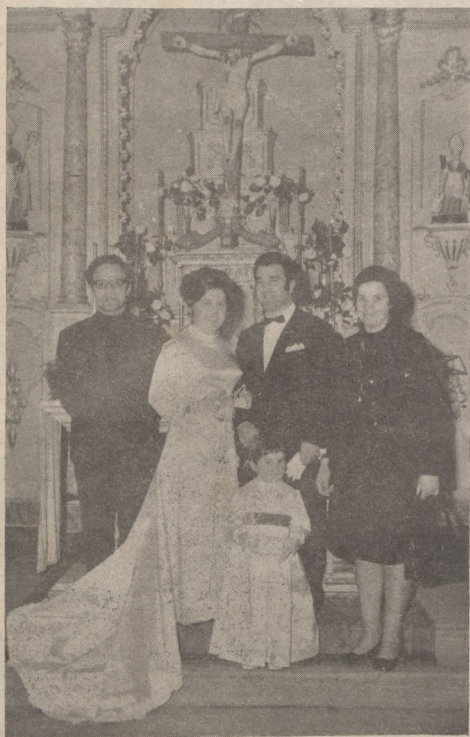
MANUEL ANTÓNIO
RIBEIRO
SOLICITADOR

Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO

Dr. Luís Domingues
CLÍNICA MÉDICA

Rua Formosa, 253-2.º - Dt.º
Tel. 29415 PORTO

CASAMENTO ELEGANTE *De Prado*



Na Igreja Paroquial da freguesia de Cristóval, realizou-se no dia 28 de Fevereiro, com toda a sumptuosidade o enlace matrimonial da menina Maria Amélia Couso, filha do sr. Manuel José Couso, comerciante e proprietário e da sr.^a D. Amélia de Jesus Vergara, com o sr. Luís Domingues, filho do sr. José Domingues e da sr.^a D. Rosa Esteves.

Foram padrinhos por parte da noiva seus primos sr. rev. P.^o Júlio Vaz (sobrinho), que presidiu ao acto, e sua irmã sr.^a dr.^a D. Maria do Rosário Vaz e por parte do noivo o sr. João Evangelista Pires, comerciante e sua esposa sr.^a D. Teresa Maria Pires.

No fim do acto, o cortejo nupcial dirigiu-se, em grande número de automóveis, para a conceituada Pensão Boavista, da Estância Terrenal do Peso, onde foi servido um primoroso e bem confeccionado almoço, ao grande número de convidados, que se elevava a cento e cinquenta pessoas, tendo-se brindado pela felicidade do gentil casal.

Aos noivos, que são dotados das melhores qualidades e simpatia e que seguiram em viagem de núpcias para França, onde vão fixar residência, desejamos muitas felicidades e uma perene lua de mel.

Mais um componente da família de Prado que se orgulha de ser português. É ele António Gonçalves, natural desta freguesia.

Em virtude de esta tão linda terra que lhe serviu de berço, não lhe garantir um futuro próspero, resolveu, ainda muito novo, emigrar, tendo conseguido trabalho em França. Surgiu a idade militar imediatamente se apresentou às inspecções e foi apurado.

Recebeu instrução, passando a pronto, sendo incorporado num regimento que seguiu para o Ultramar, onde, com o máximo prazer, auxiliou a defender o torrão sagrado que faz parte da Nação Portuguesa.

Do exterior dum terra que pertence aos nossos vizinhos, preparam-se miseravelmente para nos virem incomodar praticando crimes horrorosos, como há dias sucedeu com técnicos agrícolas, homens, cujo fim é estudar o melhor processo do aumento das produções que não só são úteis para Portugal como também para o Mundo inteiro.

Esses técnicos não deviam facilitar!... É mais uma prevenção para ninguém se aproximar das fronteiras desarmado e, se o fizerem, só com as competentes escoltas, para eliminar todo aquele que tente apoderar-se daquilo que lhe não pertence. É esta uma lição para aqueles a quem é confiada a defesa do nosso património sagrado.

Não facilitar, como não facilitou o nosso amigo António Gonçalves, cumprindo a sua comissão de serviço, voltando, de novo, ao convívio dos seus familiares e amigos, pelo que está de parabéns.

Do Rio de Janeiro, Brasil — Desta nação irmã veio o nosso bom amigo, Augusto Lobato, que se encontra junto do seu pai e mais familiares, na Casa da Breia, passando suas férias.

De Lisboa — Veio Justino Gonçalves, acompanhado de sua filhinha, menina Isabel Maria Gomes de Sousa Gonçalves, tendo regressado a Lisboa em 25 do p. p. mês.

Tempo e agricultura — Tem estado o tempo propicio e próprio desta época. Procedeu-se com a máxima actividade aos trabalhos vinícolas e plantação de batatas; estão de parabéns as famílias dos nossos emigrantes, não param, e o seu desejo é auxiliar aqueles que lá longe lutam para conseguir colocar a terra que lhes serviu de berço no grau que merece. — M. S.

CASA DA SORTE

continua a distribuir Prémios Grandes

Em 11-3-71

SORTE GRANDE - 42994 - 4.200 CONTOS
3.º PRÉMIO - 9527 - 240 CONTOS

Em 25-3-71

2.º PRÉMIO - 22687 - 420 CONTOS

Para os

4 800 CONTOS

da

LOTARIA ESPECIAL DE ABRIL

e para os

16 MILHÕES DA PÁScoa

bilhetes à venda na

CASA DA SORTE

A maior Organização do Mundo em LOTARIAS E TOTOBOLA

A Lotaria da CASA DA SORTE é vendida em Melgaço pelo sr. Miguel Henrique Gonçalves Pereira

sentido de o mandar arranjar, mas que lhe faltou a mão de obra. Vamos a ver se para as festas que se aproximam já fica pronta, pois seria uma boa altura, visto que muitos dos nossos conterrâneos espalhados pelo nosso continente, nos visitam nesta quadra festiva. Aguardemos.

Falecimentos — No passado dia 10 de Fevereiro, faleceu no lugar da Telhada, Arcília Esteves Cordeiro, de 54 anos. O funeral que se realizou no dia seguinte, foi muito concorrido devido às boas qualidades da falecida. Para assistir ao funeral, veio de Lisboa, seu sobrinho António Cordeiro Esteves, que lhe quis prestar a sua última homenagem.

— Também, em Lisboa, faleceu o nosso conterrâneo sr. Eleutério de Jesus Lopes, do lugar do Pomar, pessoa muito considerada entre nós. O extinto que tinha 44 anos, foi vítima de doença ainda pouco conhecida entre nós, pois em oito dias, embora todos os esforços que foram feitos, o vitimou.

— Ainda no lugar de Paranhão, faleceu Glicinia Trancoso, de 63 anos, casada com Jorge Mendes. A extinta, que há muito residia entre nós, era muito estimada por todos os que a conheciam, pois que enquanto teve saúde, a todos gostava de ajudar.

Que descansem em paz. Às famílias em luto, os nossos sentidos pêsames.

Norberto José Vaz

Dr. Oliveiros Rodrigues

ADVOGADO

Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO

Assine, Anuncie e Propague
"A Voz de Melgaço,"

De Castro Laboreiro

22-3-71

Casamentos — No passado dia 17 do corrente, na Igreja desta freguesia, celebrou-se o enlace matrimonial da menina Leonor Alves, filha do sr. Manuel José Alves e da sr.^a Palmira Afonso, com o sr. Herculan Afonso, filho do sr. José Afonso e da sr.^a Rosalina Rodrigues, ambos do lugar das Cainheiras. Após o acontecimento, foi servido, aos numerosos convidados, um lauto almoço na estalagem desta localidade.

— Também no dia 20 do corrente, na Igreja desta freguesia, foi celebrado o casamento da menina Ilda Bernardo, do lugar do Ribeiro de Baixo, filha do sr. Germano Bernardo e da sr.^a Isaura Bernardo, com o sr. Albertino Esteves, do lugar da Vila, filho do sr. Adriano Esteves (já falecido), e da sr.^a Maria da Costa e Silva.

Aos numerosos convidados foi também servido um lauto almoço na estalagem desta localidade. — C.

PROPRIEDADES VENDEM-SE

Em Monção, com cerca de 9 hectares, muita vinha, terra de cultivo e mata. Boa casa de senhorio, com água, luz e telefone. Casa de caseiro, adega com bom vasilhame, espigueiros e vários anexos. Bom rendimento em vinho alvarinho, cereais e fruta.

Ótima oportunidade para aplicação de dinheiro.

Falar com ANTERO RODRIGUES, de Monção, telefone n.º 52408.

De PENSO

Março, 24

No passado domingo, encontramos-nos com o sr. Presidente da Junta e fizemos-lhe um pedido: que a Junta mandasse arranjar aquela entrada, no caminho de Barro, junto à Ponte, o que, para muitos, é caminho da igreja. Já várias pessoas se me tem dirigido para eu falar no caso, mas eu preferi primeiro falar com o sr. Presidente da Junta. Tal qual como está é que é uma vergonha e uma necessidade. Disse-nos, então, o sr. Presidente que já diligenciou no

Vinho do Porto BARROS

De todos
o
mais saboroso



De todos
o
mais preferido

Lágrima Christi BARROS
em França o mais apreciado

Recoveiro Rogério

de MONÇÃO

Recebe encomendas para:

MONÇÃO, MELGAÇO e S. GREGÓRIO

Paragem no PORTO:

RUA DO LOUREIRO, 36 ou RUA DA MADEIRA, 218
Até às 18 horas

Em MONÇÃO:

RUA GENERAL PIMENTA DE CASTRO

Na Assembleia Nacional

(Continuação da 1.ª página)

Distrito de Viana do Castelo, 4400 e 3968.

Ou seja em percentagem da mesma região 3,2 e 2,3%, enquanto nos mesmos períodos no Porto sobe de 67,5 para 67,9% e em Braga de 28,1 para 28,7%.

O panorama agrícola e industrial que venho traçando é sem dúvida pouco animador e não deixa dúvidas de que o distrito de Viana tem sido tratado com muito desfavor pelos homens. E ao dizer isto não quero nem posso culpar ninguém, mas os factos, os números falam por si. E também não quero vincar razões, nem tentar atenuá-las, até porque não é isso que interessa, embrenhando-nos em caminhos melindrosos e, no fundo, com reduzido proveito.

O que interessará é abrir perspectivas para o futuro enquadradas num ambiente humano receptivo e em condições materiais possíveis. De outra forma, iludindo-nos com sonhos, ou ambiente de puras utopias, isso não. Pensando em coisas possíveis, que as populações possam compreender, aceitar e pelas quais se disponham a lutar, e sem esta participação tudo é ilusório, então sim, então haverá progresso, então haverá desenvolvimento.

Mas como sair desse desolador quadro de estagnação agrícola e industrial?

Em relação tanto a uma como outra actividade há uma constante comum que está na base de todo o progresso.

A instrução profissional e educação da população, grande batalha que a Nação tem que vencer, com ânimo forte e vontade decidida. Queira Deus que o impulso magnífico que o Senhor Ministro da Educação Nacional propõe ao país, e pela forma que finalmente por adaptada seja acarinhado e abraçado a todos os níveis sem fantasias nem enfeites perniciosos, possibilitando uma aceleração do progresso material e social.

E esta condição, indispensável como é em qualquer região, avante-se quando se quer dar vida a actividades que tanto têm que pedir ao engenho e iniciativa daqueles que nelas intervêm.

Até agora, no campo agrícola, os homens têm-se limitado a seguir os passos dos seus maiores introduzindo, exemplarmente em muitos casos, as alterações técnicas e tecnológicas que a ciência e a experimentação lhes demonstram. Mas chegados a este ano de Graça verificam com profunda amargura e ansiedade,

como já haviam notado e verificado antes, mas de forma menos angustiante, que não é suficiente aquilo que têm, ou que antevêm como possível, para ombrearem com os seus pares das outras profissões.

Há soluções que conhecem e que estão em falta, mas sentem que há necessidade de mais, de uma alteração que vá mais longe e que torne possível à grande massa dos produtores agrícolas, a certeza de uma realidade melhor. E esta tem que ser preparada para o Entre Douro e Minho numa consciente alteração da sua estrutura com incidência marcada nos aspectos legais da posse, usufruição e transmissão da terra, factor de produção, nas realidades sociais, nas condições do meio que vincula.

Ora quanto às alterações de estrutura da propriedade e aspectos legais que influem na produção, pouco tem sido feito de útil, pois mesmo medidas há de certo interesse, embora um tanto desligadas da realidade, como por exemplo aquilo que é chamado Agricultura de Grupo, que esbarram regionalmente, com barreiras que não podem saltar nem destruir, com os campos apertados em belos e viçosos espartilhos.

Quero referir-me neste particular, com profunda amargura, à alteração da lei do plantio da vinha indispensável à reconversão vitícola do Entre Douro e Minho, que já tratei largamente nesta Casa e que continua nas brumas do Olimpo! Ela terá não só que permitir como dar um forte incentivo à reestruturação do facies vitícola, manietado, enclausurado por uma lei anacrónica que a inércia teima em manter.

E as alterações de estrutura a fazer e a Administração sabe-o muito bem com certeza, pois através dos seus serviços deve estar em contacto com o caminhar dos assuntos, têm que visar fundamentalmente a criação de condições de implantação e vida a empresas agrícolas bem dimensionadas em terra e em meios, servidas por homens capazes de as conduzir na senda do progresso para além do actual período de adaptação a novas condições, aliás muito difícil de transpôr.

Deixemos na prateleira a legislação ultrapassada de há poucos anos ainda, como por exemplo a lei do emparcelamento, ou então refresque-se se se julgar que ainda vale a pena, e talvez valha, para ser aplicada com equilíbrio e sentido económico, mas enverede-se afoitamente pela criação de novas formas dinâmicas de associar os homens e as propriedades, dando-lhes interesse real pelo trabalho em conjunto. Por que não se criam? Por que não se criam?

Ora há ambiente para isso, há receptividade da parte dos agricultores na procura de soluções que têm de ser encontradas no nosso meio, ou adaptadas do que outros já fizeram. Conheço casos no meu concelho de Ponte da Barca, em Ponte de Lima, nos Arcos, Viana, Valença, etc., onde senhoras e homens e com que entusiasmo, debatem largamente os seus assuntos, que são os da comunidade, mas pouco mais encontram da parte da Administração, para além de palavras simpáticas algumas vezes arrevesadas, promessas vagas, tão vagas mesmo que não convencem os mais atentos e porventura mais cépticos. E quase sempre a desculpa do muito que fazer, muito que fazer, falta de

Bombeiros Voluntários de Melgaço

Da Benemérita Associação dos Bombeiros Voluntários de Melgaço, recebemos um ofício assinado pelo Presidente da Mesa, sr. António da Ascensão Afonso, dirigido ao nosso Director com o seguinte voto:

«De muito sincera saudação, desejamos-lhe que o próximo ano de 1971 lhe decorra sempre cheio da melhor saúde e das maiores venturas, e expressão do agradecimento da Associação pelas referências que se dignou fazer-lhe, e atenções que lhe dispensou».

Este voto foi aprovado, por unanimidade, na Assembleia Geral Ordinária, de 14 de Março, para apreciação e votação do relatório.

Os nossos agradecimentos.

O Santo da Quinzena

(Continuação da 1.ª página)

Como religioso continuou a dar a todos o exemplo mais perfeito. Depois de alguns anos, foi transferido para outro convento, que se achava de baixo da direcção de S. Columbano. A obediência ordenou a Valérico zelar pela horta, trabalho ao qual se dedicou com todo o amor. Era por todos notado, já não pareciam as pragas das lagartas e de outros parasitas nocivos, que ano por ano estragavam as plantações e que ainda visitavam as hortas dos vizinhos.

A pregação e mais ainda os milagres que fazia em nome de Deus, chamaram os gentios, aos milhares, para receberem a cruz de Cristo. Um paralítico recuperou o uso dos membros, ao pôr-lhe as mãos Valérico. Muitos outros doentes desenganados completamente, foram curados pela oração do missionário. Além disto, Deus lhe descobria o estado das consciências, e lhes desvendava o futuro.

S. Valérico, mortificava a sua língua, para não desgostar o Senhor, e dizia: «Não, nunca tua língua se preste a conversas más, e fuge das pessoas que ofendem a pureza de coração». Pois Deus, um dia pedirá contas de todas as palavras inúteis e que ofendem o próximo!

Irmã Maria dos Anjos

Sr. COMERCIANTE:

Deseja ver os seus artigos a ser rapidamente vendidos? Anuncie desde já em

«A VOZ DE MELGAÇO»

verbas... e nada se vê! Mas sentem-se, gravemente, as desilusões que se acumulam. E até quando?

E tem que se viver, tem que se progredir, mesmo enquanto não são criadas melhores condições estruturais àquela bela região em que já se descree na capacidade de realização dos homens, pois até os passos pequenos, são demasiado pequenos e o esforço não é suficiente para demover a inércia.

(Continua)

Linda objectividade!

(Continuação da 1.ª pag.)

A «condição de Melgacense» foi posta à prova criticando a atitude tomada em relação à escola preparatória, o aplicar uma lei para os demais transgredindo-a o próprio, o usar de critério totalmente oposto no caso das águas de Chaviões e no da Gave. Exerceu-se, sobretudo, perante o facto da enorme subida dos impostos municipais. Não é colaboração leal? No plano técnico não vale a pena dizer nada porque os sábios são todos os do movimento!!! Foi injusto criticar o dispêndio de dinheiro em ricos móveis para o Gabinete do Presidente?

«O espírito nacionalista» foi vencido e ao louvar a atitude do sr. Dr. Felgueiras que trouxe os seus três filhos a assistir à homenagem ao bravo Lobato, no Peso. Manifestou-se ainda a reparar que o sr. dr. não estivesse inscrito nos cadernos eleitorais (não era o amigalhão sr. Prof. Lourenço o Presidente da A. N. P.) e que não tivesse votado.

Criticou-se ainda a utopia do plano de actividades porque a gente deve ser justamente informada e não enganada. Onde estão as mil e uma mentiras, erros, etc.? Não foi verdade a construção anti-regulamentar das escadas da casa da Barbosa? Como pode desejar a Escola Preparatória se o inquérito para a criação da de Melgaço era o mais favorável e as de Monção e Cerveira já estão aprovadas? O que contam são os factos, sr. dr.! Não foi verdade tudo o que se disse do Colégio? Digam, concretamente, provando, quais são os erros e mentiras atribuídos ao Presidente da Câmara!

O sr. P.º Bento Silva em «Novo Ano» deitou mais uma pouca de água benta, mas parece que não pega nos seus clientes e dirigidos. Diz-nos ele: «Votemos numa vida nova, superiormente orientada pela chama viva da verdade, pela voz clamorosa da justiça, pelo amor inconfundível da caridade e pela dignidade sacratíssima do semelhante, princípios irrefragáveis para apreciação dos diversos objectivos a atingir... Melgacenses, por que não?» Com certeza que sim, sr. P.º Bento, embora a verdade seja muito mais que uma chama, a justiça muito mais que uma voz, e a caridade muitíssimo mais que um aroma: são a vida concreta e actuada, são virtudes operativas de cada ser e não meros exemplos. Talvez por isso é que os seus dirigidos não obedecem. Falta-lhes a vida concreta na actuação.

Sr. P.º Bento: a paz supõe a justiça e a verdade. Já que escreve no «Notícias de Melgaço» e nele é sócio, porque não lhe impõe a linha da verdade e da justiça? Sabe bem que têm mentido e calculado fortemente em relação a dois seus colegas. De que tem medo? Ponha os pontos nos i! Terá medo de perder o tacho? Mas isso é negar a própria luta pela paz, é acreditar em quimeras. Pouco adianta o fazer lindos discursos, mais ou menos contraditórios se a vida não é expressão deles. Certo que há em todos nós coisas que exigem um «mea culpa» sincero, mas será isso motivo para denigrir os factos dessa maneira, cegando-se totalmente? Colaborar como tem feito até ao presente é ainda revelador de muito pouca coragem cristã. Comece a ter mais coragem para dizer as coisas com verdade.

Então ver-se-á quem cumpre o mais fielmente possível as Palavras do Santo Padre.

A quem de direito De visita

Zelosos funcionários da nossa Câmara Municipal, obedecendo a ordens recebidas dos seus superiores, inspecionam esta Vila, em todos os sentidos, procurando aprisionar cães que nela vagueiam.

Fazem-no, porém, com um arame, que tem na extremidade um arco-laço, que se estica ao prender o canídeo, pelo que este corre o risco de asfixia ou o de magoar os tendões do pescoço.

Tal procedimento, faz com que aqueles que presenciarem tais capturas se revoltem e mimoseiem os captores com ditos jocosos.

De que lado está a razão? Será lícita a maneira como se captura o maior amigo do homem?

Terão razão aqueles que reclamam?

Não existe uma rede para tais capturas?

Se a Câmara Municipal não tem a respectiva rede é comprá-la!

Os animais não devem estar sujeitos a serem capturados por um simples arame, que os aperta. Nem os seus donos, admitem anormalidades desse género.

A quem de direito pedimos encarecidamente o favor de nos informar.

De visita, tivemos o prazer de ver entre nós o nosso amigo e estimado assinante sr. Herculanio Lima da Silva, solicitador em Vilaverde.

— Também de visita, tivemos a satisfação de ver nesta Vila, o nosso amigo e estimado assinante sr. António Machado Duarte, dig.º Escrivão de Direito do r.º Juízo da Comarca de Braga.

A estes nossos prezados amigos, que nesta vila, durante todo o tempo que exerceram as suas funções, foram muito estimados e onde deixaram fundas simpatias, apresentamos os nossos cumprimentos.

Aniversário

No dia 25 p. p., em ambiente familiar, festejou o seu aniversário natalício, o nosso amigo e estimado assinante, sr. Amândio Joaquim Rodrigues, proprietário do Restaurante SNAK-BAR (27) desta vila, que teve a gentileza de oferecer em sua casa um lauto jantar a cerca de cinquenta pessoas, entre amigos e familiares.

Ao amigo Amândio, desejamos longa vida e os nossos parabéns.

Agradecimento

Olivia Afonso Videira, residente em Outeiro — Viana do Castelo, vem publicamente manifestar o seu agradecimento à Companhia de Seguros «Confiança» e à agência do Banco Pinto & Sotto Mayor, em Viana do Castelo, pela forma rápida da liquidação do Seguro de Acidentes — de que beneficiam os depositantes deste Banco, referente ao que vitimou o seu saudoso filho, Agostinho Videira de Passos, falecido num acidente de trabalho em RÓDANO (França).

Viana do Castelo, 1 de Abril de 1971.

Anuncie em «A VOZ DE MELGAÇO»

Cartas ao DIRECTOR

(Continuação da 6.ª página)

água era particular, tanto assim que até se deslocaram ao Porto para tratarem do assunto na Direcção Hidráulica do Douro, entidade que superintende na Levada referida.

Por que procederam, então, como se a água fosse pública? Aqui está o motivo que levou um grupo de consortes da Levada a interromperem o abastecimento de água.

Olhe, sr. Carlos Alberto, há pelo menos, três culpados no caso das águas de Chaviães: o sr. P.ª Lima, o sr. Amadeu Abílio Lopes e o sr. Engenheiro Valença.

Pedimos um inquérito ao *Caso das Águas de Chaviães*, mas, até à data, ainda não foi feito. Como resposta recebemos um louvor no «Diário do Governo», mas declaramo-lo com sinceridade, preferíamos o inquérito. Quem tem a consciência limpa também tem as mãos!...

2.ª — As águas não andavam abandonadas. Lá estão as canles que as conduziam para a Levada. A obra das canles foi comparticipada pela D. G. dos Serviços Hidráulicos.

Pergunta: «Porque só alguns meses passados depois da inauguração dos fontenários, apareceram alguns herdeiros a reclamar os seus direitos?»

Não será melhor dirigir a pergunta aos herdeiros?

3.ª e 4.ª — O Presidente da Câmara, repito, não assistiu à inauguração dos fontenários referidos no «Perguntando» do sr. Carlos Alberto.

E como não assistiu como poderiam os herdeiros fazer coro com ele com palavras e vivas na sua inauguração?

Quanto ao que fica sem resposta — não nos pertence dá-la — o sr. Carlos Alberto dirige-se a sua mãe e tias, pois, sendo herdeiras da água da Levada da Candosa, estão a par dos problemas que surgiram e dos motivos que as causaram.

Que pessoa haverá mais indicada do que uma mãe para informar um filho com verdade e isenção?

5.ª — Queira dirigir-se à Direcção da Levada ou aos herdeiros. Aquela ou estes é que poderão dar-lhe uma informação concreta.

Nós, hoje, somos um simples município.

A seguir transcrevemos-lhe o ofício a que atrás fizemos referência:

Ex.mo Senhor Director de Urbanização

Offício n.º 1621 23/9/69

Assunto: Beneficiação de fontes no Concelho de Melgaço; abastecimento de água à freguesia de Chaviães

De acordo com o salientado no ofício em referência, tenho a honra de informar V. Ex.ª do seguinte: a água de abastecimento em referência não é pública, é de rega e com muitos herdeiros. Estes cederam-na, como se vê na cópia de uma reclamação que junto e que me foi remetida pela direcção da Associação dos Proprietários da Levada da Candosa, em 17 de Julho último, apenas para abastecimento de cinco

Por Santa Rita



- ✿ Lá de longe, de S. Paulo!...
- ✿ Também eu queria ser Madrinha!...
- ✿ O Sr. Vigário Episcopal de Guimarães!...
- ✿ A nossa festa!...
- ✿ Adiante!...

Da Senhora D. Estefânia Gomes Viana, de S. Gregório, que passou muito tempo aqui, em Rouças, com seu irmão, Sr. Arcipreste, P. Manuel Bento Gomes e está ligada, pelo coração a esta freguesia, recebemos uma carta, que muito nos sensibilizou, pelo carinho que dedicava a esta obra de Santa Rita e pelos estímulos que nos oferece. Nela, comunica-nos a oferta de mais 1000\$00, que vem pelo correio.

Como tudo isto nos ajuda! *Também eu queria ser Madrinha de Santa Rita.* Esta obra das madrinhas de Santa Rita é providencial. Está no seu começo e já nos tem dado tantas provas de carinho e dedicação. Temos de alargá-la.

Há dias, vieram aqui duas Senhoras de Paderne, a Sr.ª Maria de Jesus e uma outra, de Sante. Assistiram à Santa Missa e, no fim, quiseram visitar a Obra. E lá deixaram a sua oferta aos nossos irmãos. E uma menina, lá dos lados de Fontes, pedia: eu também queria ser Madrinha. Já ali temos uma gentil madrinha, que tanto nos tem acarinhado. Mas bom é que apareçam mais, dispostas a ajudar e a alargar a obra. Quem nos dera alargar esta obra ao nosso e outros concelhos! Deus o quer.

FÉRIAS. Foram passar umas rápidas férias, as nossas irmãs, a ceguinha, ao Porto e, aos Arcos, a Sr.ª Laura.

A nossa festa. Virá cantar a Santa Missa, no dia de festa, 31 de Maio, Monsenhor Araújo Costa, digno Vigário Episcopal, de Guimarães. Será Mestre de cerimónias o Rev.mo Senhor Cônego Rodrigues de Azevedo, Mestre de cerimónias da Mitra, de Braga. Tudo se prepara para que nada falte à festa deste ano.

E vamos! Vamos todos! A obra é de Deus. Vieram mais cinco fardos de roupa, de Paris, que estamos a distribuir pelos nossos irmãos pobres. Temos fé em que esta obra se há-de alargar a outras terras.

Os donativos da quinzena — Das Sr.ªs D. Maria dos Anjos de Freitas Peso, 20\$00; D. Maria Alves, Igreja, Rouças, 100\$00; D. Angelina Rosa Aires, da Igreja, Rouças, 100\$00; Manuel Fernandes, da Costinha, 100\$00; Olívia, de Prado, 50\$00; Ivone Augusto Pereira, de Chaviães, 100\$00; António Augusto Domingues, dos Lourenços, 150\$00; Manuel Esteves, Cavaleiro Alvo, 50\$00; Manuel Gonçalves Cardoso, Aldeia, 100\$00; Anónimo, da Igreja, Rouças, 100\$00; 1 leilão, 100\$00; do Cofre, 133\$20; Maria Idalina, do Estar, Rouças, nas vésperas da sua partida para França, 500 N. F.; José Lourenço, Telheiro, mais 100\$00; Maria Guilhermina, Requeijo, 2\$50; David Esteves, Cavaleiro Alvo, 200\$00; Manuel Joaquim Domingues, Cela, mais 100\$00; Menina Maria Fernandes Gomes, Eira, 50\$00; Abílio Vieites, Cavaleiro Alvo, 50\$00; Áurea de Jesus Carpinteiro, S. Paio, 150\$00; de sua irmã, Sara, 50\$00; Jaime Domingues, Eira, 17\$50; Alcindo Pinheiro, Cavaleiro Alvo, 50\$00; Ortelinda Rodrigues, Cavaleiro Alvo, 300\$0; Maria Rosa Afonso, Sobral, 41\$00; Rosalina Barreiro, Paderne, 20\$00.

Por lapso, não mencionamos as ofertas de 3-1-1971, o que fazemos agora do Sr. José Francisco de Brito, Souto, Paderne, 1500\$00; do Sr. José Lourenço, do Ferreiro, que tanto nos tem ajudado, mais 100\$00, do Sr. Manuel da Costa, outro grande amigo de Santa Rita, mais 100\$00. Pedimos nos desculpem.

A todos, muito grato o

P. CARLOS

fontenários e com a condição de ficarem as sobras a verter para a referida Levada que conduz a água de rega para Chaviães. Muitos destes herdeiros cedem-na para abastecimento domiciliário, mas outros não.

As pessoas indicadas por V. Ex.ª no ofício referido foram ouvidas no dia 20 do corrente mês e declararam o que vai na cópia do auto, que remeto para melhor informação. Em face disto será preciso informar a Comissão Fabriqueira de Chaviães que antes de proceder a quaisquer obras de abastecimento domiciliário terá de resolver o problema da água.

A Bem da Nação

O Presidente da Câmara

a) Manuel José Rodrigues

Agradecemos, sr. Carlos Alberto, as palavras elogiosas

que nos dirigiu, mas declaramos publicamente, que o maior elogio é o da nossa consciência limpa e sem remorsos. Procuramos cumprir o melhor que soubemos e pudemos, sem cometermos atropelos, sem praticarmos violências, sem exercermos vinganças.

A nossa benevolência chegou até aos caluniadores e detractores.

Acreditamos na sinceridade das suas palavras, mas, hoje em dia, os elogios andam por aí a pátao.

Calcule, sr. Carlos Alberto, até já há quem chame homem honrado a um homem sem palavra!...

O assunto do seu «Perguntando» foi ventilado nos seguintes números deste jornal: 15-3-1970, 1-5-1970, 15-5-1970, 15-6-1970, 1-7-1970 e 1-2-1971.

P. S. — Os consortes da Levada que levantaram os tubos

SNRS. LAVRADORES...
TIREM O MÁXIMO PROVEITO DAS VOSSAS TERRAS UTILIZANDO NAS REGAS OS GRUPOS EQUIPADOS COM OS FAMOSOS MOTORES

OS MOTORES
BRIGGS & STRATTON
ESTÃO APOIADOS POR UM SERVIÇO COMPLETO DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA

A PETRÓLEO OU GASOLINA POTÊNCIAS: 1 A 10 HP
PREFERIDOS EM TODO O MUNDO PARA TRABALHOS AGRÍCOLAS E INDUSTRIAIS

QUEIRAM CONSULTAR A **Electrónica Lda**
RUA SANTO ANTÓNIO, 71 - TELEF. 25800 - PORTO

De Rouças

PARA FRANÇA — Partiu há dias a Menina Maria Idalina, do Estar. Tem saído muitos rapazes, para França, a recomençar os seus trabalhos. Que sejam muito felizes.

FILHOS DE DEUS — Foram baptizados: No dia 21 de Fevereiro, a menina Paula Cristina, de Cabreiros, filha do Sr. Álvaro Bento Alves e da Sr.ª D. Maria Alice Pires. Foram padrinhos o Sr. João Baptista Alves digno guarda-fiscal e sua filha Maria Fernanda Alves, aluna do Magistério, de Braga. No dia 14 de Fevereiro, o Menino António filho de António da Silva Araújo e de Maria Amélia de Sousa, de Corçães. Foram padrinhos o Sr. Alfredo Lourenço e sua esposa,

Maria de Jesus Soares, também de Corçães.

No dia 7 de Março, o menino Armantino filho de José Alves e de Maria Pires Rodrigues, de Requeijo. Foram padrinhos o Sr. José Maria Esteves e sua esposa, sr.ª Ana Maria Domingues, grande benfeitora da nossa freguesia.

No dia 19 de Março, o menino Armantino, filho de Moisés Martins e de Maria de Jesus Rodrigues, que há pouco vieram de Parada, para Corçães. Foram padrinhos Armindo da Costa Martins e Maria da Conceição da Costa Martins.

Aos novos cristãos, muitas felicidades pela vida fora. E a seus pais e padrinhos, muitos parabéns.

De S. PAIO

O edifício escolar actual já não é suficiente para o alojamento dos alunos. Torna-se urgente a ampliação do mesmo.

— É de grande necessidade a ligação da estrada de S. Paio a Paderne. Porque se espera tanto tempo?...

— Alguns lugares ainda não têm fontenários nem água. De quem será a culpa?...

— A todos os Amigos e prezados leitores desejamos que passem umas Boas Festas da Páscoa. — C.

e que a imprensa referida classificou de «Vandalos», foram remetidos ao tribunal pela G. N. R., mas o dig.º Delegado do Ministério Público nem sequer deduziu contra eles qualquer acusação.

O ex-Presidente da Câmara

a) Manuel José Rodrigues

«SEGUROS»

Acidentes Pessoais — Acidentes no trabalho
Automóveis — Caça — Fogo (incluindo raio)
S. Cristóvão — Vida — Vidros e Cristais, etc.

COLOCA EM COMPANHIAS NACIONAIS OU ESTRANGEIRAS

Miguel H. G. Pereira

Rua da Calçada Telef. 42212 MELGAÇO

Cartas ao Director

Lisboa, 24 de Fevereiro de 1971

Ex.mo Senhor Director

Para um melhor esclarecimento sobre a água de alguns fontanários de Chaviães, donde sou natural, agradeço que V. Ex.ª mande publicar no jornal «A Voz» essa série de perguntas que junto em anexo, porque julgo que haverá certo interesse, pelo menos para mim, em saber a verdade das respostas que alguém me queira ou saiba dar.

Aproveito para apresentar a V. Ex.ª os meus agradecimentos.

Carlos Alberto Afonso

Rua Alferes Barrilaro Ruas, 12-r/c-Dt.º — LISBOA-6

Perguntando

Interessado desde o início com o problema das águas de Chaviães porque essa é a minha terra, ficaram-me desde sempre umas certas dúvidas talvez por falta de melhor esclarecimento ou por falta de compreensão da minha parte.

Antes porém, de apresentar as dúvidas que me assistem, convém informar quem não sabe, porque ainda se não disse, que essas águas que alguns herdeiros da Levada do Ranhadouro dizem pertencer-lhes, e é natural que sim, estão a abastecer fontanários de alguns lugares onde vivem outros herdeiros dessa mesma Levada. Se assim não fosse, poderia-se ficar com a ideia errada de que essas águas estavam ligadas aos fontanários para benefício de pessoas estranhas à Levada.

Agora o que me custa a compreender é o seguinte:

1.º — Se se sabia que esse abastecimento de água era ilegal, e o sr. Presidente da Câmara de então já o disse num seu comunicado, porque foi o sr. Professor Rodrigues, na qualidade de Presidente da Câmara, acompanhado de outros senhores, inaugurar pessoalmente e oficialmente os fontanários já com água, dos lugares da Portela, Quintas, Barreiro e Soengas? Parece-me a mim, embora sendo leigo no assunto, que uma inauguração feita pela autoridade máxima do Concelho, deve estar e deve ser legal. Ou então... Não será assim?

2.º — Para canalizar até aos fontanários essas águas que andavam abandonadas na terra, trabalharam diversas pessoas durante alguns meses. Se assim foi, porque só alguns meses passados depois da inauguração dos fontanários, apareceram alguns herdeiros a reclamar os seus direitos? Esses direitos não lhes assistiam desde o início e até antes de começarem as obras?

3.º — Porque seria que alguns herdeiros que agora se dizem estar lesados, fizeram coro com as suas palmas e vivas, quando o sr. Professor Rodrigues, na qualidade de Presidente da Câmara, inaugurou a água nos fontanários?

4.º — Que direitos poderiam alegar alguns herdeiros que se diziam lesados, quando beneficiavam ao tempo, dessa água canalizada dentro de casa?...

5.º — Consta-me que para os lados de Fiães se tem desviado ilegalmente alguma água que pertence à Levada do Ranhadouro da qual é herdeira grande parte da freguesia de Chaviães! Será verdade?

Carlos Alberto

N. B. — Não tenho contra o sr. Professor Rodrigues qualquer má vontade, porque até que o tempo, e com ele os homens provem o contrário, foi o melhor Presidente da Câmara que conheci.

C. A.

Resposta ao "Perguntando,"

Satisfazemos, com muito gosto, o desejo do sr. Carlos Alberto.

Já se escreveu muito sobre o tão célebre caso das águas de Chaviães, mas parece que ainda pairam dúvidas em alguns espiritos, devido, quase exclusivamente, às informações falsas e tendenciosas que alguém, malévola e espalhou em quase toda a imprensa diária de Lisboa e em alguma não periódica. O público, por isso, foi mal informado.

Vamos às respostas do questionário acima transcrito:

1.º — a) Assistimos à inauguração dos fontanários da 1.ª fase (Curveira, Gondufe, Lameiras, Cortinhal, etc.), que beneficiaram grande parte dos lugares da freguesia. Nesta fase não houve problemas.

b) Não assistimos à inauguração dos fontanários dos lugares da Portela, Quintas, Barreiro e Soengas, que refere no «Perguntando».

Fica, por isso, prejudicado o comentário do sr. Carlos Alberto.

A obra dos fontanários de Chaviães foi realizada, como em quase todas as freguesias do Concelho, por administração directa das Juntas de Freguesia.

A Câmara elaborou os projectos, forneceu materiais e orientou os trabalhos, etc.

Em Chaviães a Junta declinou os trabalhos no sr. Amadeu Abílio Lopes, que se ofereceu espontaneamente para os dirigir.

Os problemas surgiram no reforço da 1.ª fase e no abastecimento domiciliário, que se fazia à margem da Câmara. Por quê?

Só o sr. Engenheiro Valença, Director de Urbanização do Distrito de Viana do Castelo, poderá dar uma resposta satisfatória ao sr. Carlos Alberto.

Os srs. Amadeu Abílio Lopes, Rev.º Padre Lima e Eng.º Valença é que trataram de tudo: elaboração do projecto e sua remessa às entidades superiores.

Até o pedido de comparticipação foi feito sem co-

A PÁSCOA

«A confissão quaresmal é um grave dever de consciência para todo o cristão bem formado a fim de poder participar na alegria da Ressurreição do Senhor.

Para quem rejeita o perdão que Deus lhe quer conceder e prefere viver no pecado, a Páscoa não tem sentido. Persistindo nesse estado de rebelião, torna inútil para si a Paixão de Cristo e vive em risco permanente de condenação eterna. Envolve tremenda responsabilidade moral calcar os pés o Sangue de Cristo, desprezar a Sua Graça redentora e rejeitar o Seu perdão».

nhecimento da Câmara. É esquisito, não é?

Não nos encomodamos com a falta de delicadeza para com a Câmara.

Mas, quando tivemos conhecimento do que pretendiam os srs. Amadeu Abílio Lopes e Rev.º P.º Lima, de Chaviães, avisamos, como era nossa obrigação, verbalmente e por escrito, o sr. Director de Urbanização de Viana do Castelo, Eng.º Valença, para que informasse aqueles srs. de que resolvessem primeiro o problema da água com os consortes da Levada.

Ninguém fez caso da nossa informação.

Mais. O sr. Eng.º Valença até contrariou a informação da Câmara. Nós dissemos, no ofício que abaixo transcreveremos, que a água era particular e S. Ex.ª informou para Lisboa que a água era pública.

Isto é inacreditável, não é, sr. Carlos Alberto? Pois, é verdade!...

É certo que a Direcção da Levada consentiu, a título provisório — a Direcção não é a proprietária — a ligação da água para, apenas, cinco fontanários. A autorização só pode ser dada pelos consortes reunidos em assembleia geral.

A assembleia foi pedida, mas não realizada.

Os srs. P.º Lima e Amadeu não se importaram e, em vez de cinco fontanários, fizeram mais dez, dois bebedouros e, o que é mais grave, o sr. Amadeu autorizou algumas ligações domiciliárias sem consentimento nem da Direcção, nem dos Associados.

A Direcção dirigiu uma reclamação à Câmara insurgindo-se contra o abuso e reclamando providências. A Câmara transmitiu-a à Junta que, por sua vez, a levou ao conhecimento dos srs. P.º Lima e Amadeu.

Estes, apesar do aviso, continuaram os trabalhos, pisando os direitos dos consortes.

A Câmara, embora posta de parte, deu conhecimento da reclamação ao sr. Director de Urbanização para que, como mantinha contactos estreitos com o Rev.º P.º Lima e Amadeu, os avisasse de que tinham de resolver primeiro o problema da água.

Nós, nem como município, nem como Presidente da Câmara estamos envolvidos no abuso.

Como Presidente da Câmara não podemos ser acusados de negligente, porque, como já ficou dito, avisamos, a tempo e horas.

Por que não se fez caso da nossa informação?

Mais ainda. Os srs. Padre Lima e Amadeu sabiam que a

(Continua na 5.ª página)

IV comentário ao

Plano de Actividades da Câmara para 1971

(Continuação da 1.ª pág.)

das construções escolares no Concelho de Melgaço?

À Câmara da Presidência do prof. Rodrigues?

Não, não; esta Câmara não tem a mínima culpa. Compete às Câmaras, note-se bem, coadjuvar na escolha dos terrenos para a implantação dos edifícios, põ-los à disposição dos Serviços competentes, depois de aprovados, e pagar 50% do custo das construções. Só isto e nada mais.

Ora como a Câmara da Presidência do prof. Rodrigues, sempre cumpriu estas obrigações, e com prontidão, ninguém pode atribuir-lhe a culpa dos problemas que se arrastam, ou, por outras palavras, o ex-Presidente não deixou problemas cujas soluções fossem da sua competência ou responsabilidade.

No arquivo camarário encontram-se os documentos comprovativos do que afirmamos.

O ex-Presidente fez cerca de duas centenas de diligências sobre este assunto. Falamos das escritas, que, das outras, também fez bastantes.

Isto prova, à evidência, que tratou o problema com atenção, diligência, zelo, carinho até. Quem haverá aí capaz de desmentir-nos?

A eloquência dos factos é irrefutável.

É certo que nunca propôs a construção ou reconstrução de edifícios escolares por administração directa.

Fã-las-á o sr. dr. Sidónio S. S. S. para vencer o «ponto morto» e não poder admitir que se continue esta situação anormal?

Tem sonhos lindos, o sr. Presidente!...

Fantaziar é fácil; a dificuldade está na realização.

No entanto, aguardamos, fleugmáticamente, que a Câmara da Presidência do sr. dr. Sidónio resolva directamente, os problemas escolares, como propôs e lhe foi facultado.

Somos cépticos, porque não temos motivos para vermos tudo cor de rosa.

Falamos com sinceridade, com franqueza.

Acreditamos que haja boa vontade, mas esta não basta.

Oxalá, o sr. Presidente, nos dê a alegria de vermos solucionados todos os problemas escolares, no mais curto prazo.

Para complemento do que fica dito damos a noticia que, em 15 de Maio de 1970, a Câmara da Presidência do prof. Rodrigues recebeu, por intermédio da Ex.ª Direcção Escolar, um ofício a informar que, quanto às construções escolares não havia terrenos postos à disposição dos Serviços.

A Câmara respondeu, através da mesma Direcção em 25 de Maio de 1970:

«... Informo V.ª Ex.ª que não há Terrenos vistoriados e aprovados que não tenham sido postos à disposição da Direcção das Construções Escolares. Nestas condições, a Câmara pede, pois a V.ª Ex.ª que diligencie junto daqueles Serviços para que procedam à vistoria e proponham a aprovação dos terrenos, quanto antes, a fim de, seguidamente, a Câmara tratar da sua aquisição. A demora também se não pode atribuir à falta de terrenos uma

vez que há sete casos; que têm terrenos à disposição e as construções ainda se não efectuaram.

É o caso das construções nos seguintes núcleos e freguesias:

Adedela — Fiães
Charneca — Alvaredo
Igreja — Lamas de Mouro
Outeiro — São Paio
Pias — Gave
Portela — Chaviães
Pousios — Castro Laboreiro

Além destes há ainda o do Sobreiro, freguesia de Cristóval, que está nas mesmas condições, e foi mencionado, com outros, no ofício de 2-12-1969.

Além disso foi pedido superiormente que se escolhessem os terrenos para todos os edifícios escolares julgados necessários no Concelho, como já foi dito neste Jornal. Consta tudo no arquivo da Câmara.

* * *

Aquando da homenagem que os agentes de ensino de Melgaço prestaram ao professor Rodrigues, o Ex.º Sr. Director Escolar, que assistiu, falou, e

«depois de agradecer a boa colaboração e os sacrifícios do Delegado Escolar, pôs em destaque as suas óptimas qualidades profissionais — ouviu sr. João da Costa? — e o muito que tem feito pelas escolas do concelho como Presidente da Câmara» («Noticias de Melgaço» de 10-4-1966). Assim falou um superior hierárquico: pessoa bem informada, séria e categorizada.

Perguntamos, para terminar: Quem poderá acusar o ex-Presidente, prof. Rodrigues, dos atrasos que se verificam no concelho em matéria de construções escolares?

Pessoas de bem, não; as outras são capazes de tudo.

A. RODRIGUES

O «JOLLY» de pobre chegou a rico!...

Após dezassete meses na situação de um pobre cão de guarda, o «JOLLY», um cão de muita estimação, passou à categoria de rico.

A sua inteligência é demonstrada, pois já salvou o seu própria dono, talvez da morte!

Custou a sua licença de luxo, 138\$00, portanto o «JOLLY» hoje é considerado rico e não pobre como era até esta data e já não está sujeito a ser capturado por um simples laço de arame, como aconteceu a muitos.

Se não estivesse devidamente legalizado, poderia ir parar ao canil e se o seu dono não tivesse conhecimento, ao fim da estadia regulamentar, a sua sentença seria a condenação à morte, sem se poder despedir daqueles que, tanto carinho lhe tem dedicado e o levaram à categoria máxima, que é o luxo.

Para isso foi o primeiro canil-deo, que, no concelho de Melgaço, pagou direitos de mercê.

Anuncie em «A VOZ DE MELGAÇO»